

IV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XIX Jornadas de Investigación VIII Encuentro de Investigadores en Psicología
del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2012.

O idoso e a influência da aposentadoria.

Vido, Keli Cristiane y Munhoz Puglisi, Maria
Luiza.

Cita:

Vido, Keli Cristiane y Munhoz Puglisi, Maria Luiza (2012). *O idoso e a influência da aposentadoria*. IV Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XIX Jornadas de Investigación VIII Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-072/404>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/emcu/rOK>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

O IDOSO E A INFLUÊNCIA DA APOSENTADORIA

Vido Keli, Cristiane - Munhoz Puglisi, Maria Luiza

Centro Universitário UNIFIEO, Osasco, Brasil

Resumen

Este artigo objetiva relatar a influência do advento da aposentadoria previdenciária no estágio tardio de vida do idoso e suas implicações no contexto familiar, econômico e social. O estudo permeia um recorte de uma pesquisa mais ampla que investiga a percepção das implicações da aposentadoria em um grupo de oitenta idosos, aposentados, de ambos os sexos, das diversas camadas sociais e participantes de projetos sociais em uma Universidade da região metropolitana de São Paulo. O desenvolvimento perfaz um estudo parcial do Curso de Pós-Graduação do Centro Universitário Fieo, Osasco, São Paulo. Entretanto, o artigo busca compreender a questão baseado nas percepções dos idosos pesquisados em entrevistas coletivas e arcabouço teórico dos autores. O estudo é ancorado pelo arcabouço teórico dos autores Munhoz (2003) para família; Carter & MacGoldrick (2001) em ciclo vital, Papila (2009), Veloz (1999) e Veras (1994) nos temas idoso e aposentadoria. Dados coletados em 2010 relatam o não preparo muitas vezes dos idosos para a aposentadoria previdenciária nas implicações de seus cotidianos, trazendo diferentes dificuldades nos relacionamentos sociais e familiares, que podem ser solucionadas nos grupos de conversa.

Palabras Clave

Idoso;estágio tardio de vida;aposentadoria;grupos de conversa.

Abstract

THE ELDERLY AND THE INFLUENCE OF SOCIAL SECURITY RETIREMENT

This article aims to report the influence of the advent of the retirement pension in the late stage of life of elderly and their implications within the family, economic and social. The study permeates a snippet of a broader study that investigates awareness about the implications of retirement in a group of eighty elderly, retired, of both sexes, of different social classes and participating in social projects for the University of seniority in a metropolitan region of São Paulo. The development makes a partial study of the Post-graduate action of the University Center FIEO, Osasco, São Paulo. However, the article seeks to understand the issue based on the perceptions of the elderly surveyed in interviews and the authors' theoretical framework for family Munhoz, Fast and the elderly, and Carter and McGoldrick on life cycle. Data collected in 2010 that did not report the preparation of the elderly often for retirement and social security implications in their daily lives, bringing different difficulties in social and family relationships, which can be addressed in conversation groups.

Key Words

Elderly;latestage of life;retirement;conversation groups.

Introdução

A complexidade do estágio de vida tardio atrelado a crescente longevidade dos idosos brasileiros, corroborada pelas pesquisas do

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia), que apontam um percentual de 8% da população brasileira com mais de 60 anos, ainda segundo pesquisas sobre o desenvolvimento populacional mundial realizadas pela ONU descrevem que em 2020, a projeção de aumento da população de idosa no Brasil é uma das maiores do mundo, um percentual de 1,514%, considerando como expectativa de vida 75 anos. Sendo assim, é necessário identificar, avaliar e compreender o idoso neste estágio de vida tardio, ao vivenciar o advento da aposentadoria como fator de promoção de uma vida saudável.

É preciso ressaltar que o envelhecimento e as implicações da aposentadoria previdenciária no contexto familiar, em cada idoso representam diversos significados, haja vista que, estão intrinsecamente ligadas às experiências de vida. Vale ressaltar que a percepção se inicia na recepção de estímulos pelos órgãos à concessão de significado a este estímulo. (BOCK, 1999)

Compreender o idoso no estágio de vida tardio frente ao advento da aposentadoria previdenciária fator que objetiva a promoção da vida saudável desse indivíduo nos contextos familiar e socioeconômico torna-se imprescindível para criação de políticas que permeia este período da senioridade. (MUNHOZ, 2003) ressalta que a família perfaz uma totalidade integrada e interdependente, neste caso os componentes deste sistema representam o sistema ou subsistemas do sistema familiar. No sistema familiar as relações emocionais e comunicação auxiliam os membros nas questões de autonomia e desenvolvimento.

Aposentadoria

Apesar do pressuposto da aposentadoria ser um fenômeno corriqueiro, essa perfaz um momento único para aqueles que a vivenciam, contudo nem sempre representam situações que as pessoas possam aproveitar a magia do ócio, longe dos rigores e das imposições do trabalho formal. Sendo assim, imaginar a aposentadoria no sentido real da palavra é o equívoco inicial daqueles que a aguardam. SIQUEIRA (2004)

Para o autor, a palavra aposentadoria procede da palavra aposentado, que sugere descanso, repouso, quietude, alívio. E ainda, desaceleração, parada, ruptura com os estilos de vida assentados no trabalho cotidiano e o conseqüente formalismo que o caracteriza: horários, responsabilidades, hierarquia, disciplina, entre outras regras. Sugere, da mesma forma, a passagem da vida assentada no trabalho formal, compulsório, para outra, orientada pela desocupação, pelo lazer e principalmente pelo ócio. Descreve a aposentadoria previdenciária como um Sistema de Seguridade Social brasileiro no qual o trabalhador contribui monetariamente durante os anos de trabalho e após 35 anos para os homens e 30 anos para mulheres, estes poderão ter a concessão da aposentadoria, ou seja, um benefício mensal para sua subsistência. Este órgão governamental prevê outros regimes de benefícios por idade, doença, falecimento entre outros.

O significado da palavra aposentadoria nem sempre encontra na realidade o seu correspondente de verdade, nesse caso específico para maioria dos aposentados, ainda há antes do advento da aposentadoria a percepção do espaço temporal destinado ao descanso, repouso e sobre tudo tranquilidade. Momento propício à realização de aventuras tantas vezes adiadas, a melhor alternativa talvez seja pensar duas ou mais vezes antes de assim proceder e principalmente de conversar com aposentados cuja condição de vida e de renda seja parecida.

Pode ser que as aventuras adiadas não sejam nem mais coloridas nem mais vibrantes que os sonhos que as engendraram, pois a vida em nada é linear, dá muitas voltas, umas com curvas demasiadamente fechadas, outras suaves e, às vezes, pior, sem retorno. O homem já não será mais o mesmo, assim como também serão diferentes, certamente, suas necessidades e seus desejos. Transferir para depois dos 60 anos de idade o que se idealizou aos 40 é ignorar que 20 anos é tempo suficiente para produzir anéis nos troncos de árvores, mas também tempo de sobra para que os homens tenham seus corpos arqueados e os rostos sulcados. E ainda não imaginar que no decurso de 20 anos, as pessoas não terão suas vidas severamente modificadas em tudo o que se possa imaginar. Infelizmente, a aposentadoria previdenciária para maioria dos idosos não foi um acontecimento bem vindo, pois não houve preparação para esse momento. Para muitas pessoas, a aposentadoria acabou tendo um significado parecido com uma espécie de corrida sem controle numa reta estreita e curta, cujo endereço inevitável é o desespero, a angústia e o caos. É como acordar de um pesadelo, olhar num espelho e deparar com uma imagem, sem retoque, embora já sabida, mas agora avaliada e sentida em toda a sua extensão, de velhice, de decadência, de inutilidade, de aposentado na verdadeira acepção da palavra. É o prenúncio de um inverno rigoroso com previsões escassas. Tais pessoas, por motivos diversos, não se prepararam para esse momento da vida, a aposentadoria, acontecimento que encontrou em suas vidas pelas portas laterais ou dos fundos.

Os anos duros de trabalho, as urgências impostas à vida como a aquisição da moradia, a criação e educação dos filhos, a luta desesperada por um espaço no mercado de trabalho, a noção exacerbada do imediato condicionaram os aposentados de forma a não ver o futuro, especialmente na condição de inativos, haja vista, que não pensavam no estabelecimento de metas para viver a senioridade. É como se eles pudessem, num passe de mágica, certamente é o que todos desejam passar da juventude a morte, sem transitar pela velhice. Para eles, a aposentadoria era vista como um acontecimento de menor importância na trajetória de suas vidas.

“Deixe vir, saberei cuidar dela assim que chegar”, essa foi a frase que mais ouvimos no decorrer da pesquisa realizada em uma Universidade da região metropolitana de São Paulo. Paradoxalmente, quando a aposentadoria bateu à porta por não saberem do que se tratava, muitos não souberam como lidar adequadamente e foram por ela suprimidos. A sobrevivência, em condições saudáveis, dos aposentados especialmente daqueles oriundos de atividades onde se empregava mais o intelecto, demasiadamente reduzidos, adoecem e morrem muito freqüentemente, nos próximos cinco anos após a aposentadoria. A maioria morre em consequência da síndrome da inutilidade e de doenças relacionadas ao sistema imunológico, não sem antes passar por profundas crises de depressão. (VELOZ 1999)

Em suma, a aposentadoria deveria ser um momento de prazer,

onde a pessoa desfrutaria de toda uma vida de trabalho, com esses momentos de folga para passear, conhecer lugares com prazer, enfim, “curtir a vida”. Porém, não é bem isso que ocorre; como pudemos perceber, após detalhada pesquisa, a aposentadoria é uma parada abrupta na vida profissional, causando medo nas pessoas, por consequência trazendo sentimentos ruins como inutilidade, fracasso, depressão.

Impressionante é que a maioria das pessoas que não tratou a aposentadoria com a devida importância independentemente da condição social, se deu mal, sobretudo nos primeiros anos de adaptação à vida de aposentado. Se administrar as dificuldades da vida quando se tem a preocupação definida, idade e saúde favoráveis não tem sido tarefa fácil, imagine recompô-la na terceira idade, quando o declínio físico indica que a pessoa já não é mais a mesma. Não se tem mais a mesma coragem, o mesmo vigor físico e, sobretudo motivação no enfrentamento dos problemas fundamentais da vida. A maneira de lidar com as situações que denominamos “problemas fundamentais da aposentadoria” estão intimamente ligadas à forma como os aposentados viveram a segunda fase da vida, isto é, os anos em que passaram trabalhando e cuidando da família.

Partindo do princípio de que cada um tem não o que julga merecer, mas o que planeja e constrói, em relação à aposentadoria não é diferente. Esta será, na justa medida, a resultante do que o indivíduo construiu ao longo da vida de trabalho. Útil e benéfica para quem, cuidadosamente, a programou e com o mesmo esmero para ela se preparou. E da mesma forma será para aqueles que investiram, com perseverança, na sua realização. Todavia, o oposto poderá certamente ser também verdadeiro.

Vale ressaltar que as interações perpassadas pelas relações familiares e socioeconômicas do idoso na aposentadoria são determinantes para este indivíduo na senioridade estabeleça um contexto de vida com internalização das transformações inerentes ao estágio de vida tardio de forma saudável.

Envelhecimento e família

Para Papila (2009) o envelhecimento é dividido em primário e secundário sendo, o primeiro gradual e inevitável, pois está relacionado à condição física e o relógio biológico inerente a cada ser humano, por sua vez o envelhecimento secundário permeia o resultado de doenças, abusos e maus hábitos de uma pessoa, sendo assim podem ser controlados e prevenidos. Por isso, a importância de políticas públicas eficazes para esta parcela da sociedade brasileira.

Os cientistas sociais especialistas em envelhecimento conceituam um indivíduo como idoso segundo os fatores cronológicos e capacidade de relação com o ambiente físico e social. Ainda segregam os idosos em três grupos de adultos mais velhos; idoso jovem permeia pessoas entre 65 e 74 anos, mais ativas; idoso-idoso entre 75 e 84 anos, capacidades medianas; por último idoso mais velho com mais de 85 anos, frágeis e com problemas para gerir as atividades cotidianas. (PAPILA 2009)

Segundo Lebrão (2006) envelhecer permeia aumentar o número de anos vividos, concomitante a este desenvolvimento biológico é agregada a percepção psicológica e social do envelhecimento. O autor também aponta um dado significativo, nas sociedades ocidentais o envelhecimento costuma ser associado à perda de produtividade e

aposentadoria.

A Organização Mundial de Saúde estima que no mundo 121 milhões de pessoas sejam acometidas pelo chamado Transtorno Depressivo Maior (TDM), e acredita-se que até o fim da próxima década a depressão se torne uma das principais doenças incapacitantes. O dado preocupante é que a doença não tem restrição de cor, nem classe social: atinge trabalhadores em todos os níveis, já que ela está diretamente relacionada com o papel que as pessoas exercem dentro de suas famílias e que elas acham que perdem com a aposentadoria, relato do Jornal Paraíba, 2012.

Os estágios da vida perpassam pelo desenvolvimento do indivíduo em constante evolução com o ciclo familiar e relacionamento com fatores intrínsecos e extrínsecos em um sistema dinâmico, sempre em permanente mutação. Para Carter e McGoldrick (1995) culturalmente a maioria das gerações desconhece como realizar a modificação no estágio relacional e seus novos papéis familiares e sociais na velhice. Munhoz (2003) concebe o ciclo de vida familiar como estágios evolutivos universais do desenvolvimento familiar como relógio cronológico, nascimento a morte, permeados de expectativas sociais similares como ingresso na vida adulta, aposentadoria, menopausa, além dos processos psicológicos, trabalho e ajustamentos culturais. Os estágios do ciclo vital familiar, assim como na biologia de forma contínua se renova, é constante e marcados por eventos como saída da casa dos pais, união de um novo casal, famílias com filhos pequenos, famílias com adolescentes, famílias no meio da vida e a família no estágio tardio de vida.

As tarefas mais importantes no estágio tardio de vida são: o ajustamento à aposentadoria, a insegurança e a dependência financeira e a perda do cônjuge – dificuldade em reorganizar toda uma vida sozinho, pois existe um menor número de relacionamentos para substituir o que foi perdido. (MUNHOZ, 2003).

Todas as mudanças nos estágios do ciclo vital exigem ajustamentos dos indivíduos, muitos marcados por ritos de passagem como o casamento, batismo entre outros, simbolismos sócio-culturais, no caso da aposentadoria no estágio tardio de vida, devemos lembrar o idoso está inserido em uma cultura de trabalho intrínseca à nossa sociedade. Estes indivíduos aprenderam que o valor maior da vida consiste em ganhar o pão, por meios honestos, e que esses meios deságuam necessariamente no trabalho e em grande parte passaram todos os períodos da vida adulta trabalhando neste contexto, a aposentadoria perfaz um significado contrário a definição etimológica da palavra, que significa aposento, descanso, sossego, repouso.

A aposentadoria é um momento crucial na vida das pessoas, sobretudo daquelas que dependem do benefício pecuniário dela decorrente para sobreviver podendo em consequência disso, ser marcado, de um lado, por calmarias; de outro, por tempestades devastadoras. A aposentadoria guarda muito do que foi a vida das pessoas no decorrer de suas vidas de trabalho, daí não ter para todos os mesmo significados e ainda a mesma importância. Guardar, contudo, na sua essência, por qualquer ângulo que se queira estudá-la, inúmeros aspectos que divergem de pessoa para pessoa, mas também contornos que se assemelham e convergem para um denominador comum, não importando o que tenham sido ou vivido os seus proponentes e ou beneficiários. Fenômenos como a perda do referencial, o declínio físico, sensação de abandono, a dependência

de outras pessoas, a perda da noção de futuro, a necessidade de reacender a memória no desgaste do passado como alimento do presente são vivências comuns a todas as pessoas que atingiram as fronteiras da terceira idade, aposentadas ou não. Vividos dois terços da vida, não há como deixar de cogitar sobre o seu destino final, a fronteira derradeira da caminhada: a morte. E, nesse resgate, a aposentadoria, principalmente quando malsucedida, transforma-se numa inseparável parceira.

Num país como o Brasil, onde o valor da vida humana está intimamente associada aos papéis que os indivíduos desempenham ou representam na sociedade, a aposentadoria pode ter para seus postulantes e ou beneficiários, significados os mais variados possíveis. Enquanto que para um, ela tem um significado aterrador, para outros, ao contrário, representa um imenso ganho, representado pela liberação do trabalho formal e de todo o complexo de obrigações por ele impostas. Assim, não há como compreender e tratar os aposentados de uma única maneira, qualquer que seja a abordagem adotada, por eles terem experienciado diferentes cenários ao longo de suas vidas de trabalho. Além desse aspecto, o modelo de previdência social brasileiro estabelece dois sistemas distintos de aposentadoria, o que por si só já constitui a principal divisão dos aposentados: do setor público e do setor privado. Os dois sistemas são diferentes praticamente em seus elementos estruturais, mas principalmente em relação aos valores dos benefícios. De um lado, colocam-se os trabalhadores da iniciativa privada, aposentados pelo Instituto Nacional da Seguridade Social; de outro, os funcionários públicos, civis e militares menos aqueles que, do ponto de vista financeiro, perderam menos com suas aposentadorias, isto é, até o momento em que o governo atribuiu-lhes a responsabilidade pela tragédia da previdência e numa escala menor, os trabalhadores das atuais e antigas estatais, cujos fundos de pensões, em certos casos, estranhamente, são mais ricos do que as empresas que os originaram. Estes últimos talvez sejam os menos sofridos, uma vez que seus fundos de pensões complementam suas aposentadorias integralmente.

A repercussão da aposentadoria na vida das pessoas, em função do que estudamos, está intimamente relacionada às formas individuais de administração dos problemas fundamentais da vida em todo o decorrer da existência, especialmente na segunda fase da vida, isto é, dos 20 aos 60 anos, que se manifestam mais intensamente no momento do desligamento do trabalho, independentemente da condição social onde as pessoas estejam situadas.

A pesquisa

O artigo aqui apresentado perfaz um projeto de pesquisa mais amplo que investiga a percepção dos idosos no estágio de vida tardio e as implicações do advento da aposentadoria nos contextos familiar e socioeconômico. O recorte procura evidenciar relatos de idosos aposentados e as transformações no período de senioridade. Participaram da amostra, idosos aposentados, ambos os sexos e de diferentes camadas sociais, participantes de programas sociais em uma Universidade da região metropolitana de São Paulo. Para obtenção dos dados foram registradas conversas coletivas, aplicadas nos diversos espaços da universidade, respeitando o termo de consentimento devidamente autorizado pelos participantes.

Como procedimento de coleta dos dados utilizamos conversas coletivas, porque anosso ver conversar é uma das características mais importantes da vida. Para Anderson (2009) nas conversas

formamos e reformamos nossas experiências de vida e os eventos da vida e, a partir delas podemos criar e recriar nossos significados e nossas compreensões e entender nossa realidade e nosso eu. Ao conversar nós tentamos ter sobre controle nossos dilemas, problemas, preocupações, frustrações, sonhos e projetos.

Os dados foram submetidos à análise de conteúdo com levantamento de categorias, inferência de indicadores e confirmação dos relatos das respostas obtidas.

Discussão dos resultados:

Os relatos dos idosos demonstraram uma percepção anterior ao advento da aposentadoria de chegada do momento de prazer, onde a pessoa desfrutaria de toda uma vida de trabalho, com esses momentos de folga para passear, conhecer lugares com prazer, enfim, curtir a vida, o momento não se concretizou desta forma. Contudo, após detalhada pesquisa, os participantes discorreram que a aposentadoria previdenciária representou uma parada abrupta na vida profissional, causando medo nas pessoas, por consequência trazendo sentimentos ruins como inutilidade, fracasso, depressão. Apesar de este momento ser uma ocasião tão sublime da vida, onde a maturidade dá lugar às precipitações e conseqüentes erros da juventude.

A maioria dos participantes não tratou a aposentadoria com a devida importância independentemente da condição social, e disseram que o advento da aposentadoria previdenciária foi desgastante, sobretudo nos primeiros anos de adaptação à vida de aposentado.

Se administrar as dificuldades da vida quando se tem a preocupação definida, idade e saúde favoráveis não tem sido tarefa fácil, imagine recompô-la na terceira idade, quando o declínio físico indica que a pessoa já não é mais a mesma. Não se tem mais a mesma coragem, o mesmo vigor físico e sobre tudo motivação no enfrentamento dos problemas fundamentais da vida. E um inverno duro cujos principais agasalhos são a tolerância e a sabedoria, justamente o que falta à maioria dos aposentados despreparados para esse momento. SIQUEIRA (2004)

A maneira de lidar com as situações que denominamos problemas fundamentais da aposentadoria estão intimamente ligadas à forma como os aposentados viveram a segunda fase da vida, isto é, os anos em que passaram trabalhando e cuidando da família. Partindo do princípio de que cada um tem não o que julga merecer, mas o que planeja e constrói, em relação à aposentadoria não é diferente. Ela será, na justa medida, a resultante daquilo que o indivíduo construiu ao longo da vida de trabalho. Ela será extremamente útil e benéfica para quem, cuidadosamente, a programou e com o mesmo esmero para ela se preparou, todavia o oposto será também verdadeiro. Entretanto não pessoa que tenha tratado a aposentadoria com desdém. Ao compreender o advento da aposentadoria, percebemos as interações perpassadas pelas relações familiares e socioeconômicas do idoso. A natureza destas interações sociais e experiências deste indivíduo na senioridade são determinantes para o estabelecimento um contexto de vida com transformações do estágio de vida tardio saudável.

Bibliografia

Anderson, Harlene. Conversação, linguagem e possibilidades: um enfoque pós-moderno da terapia; (tradução Mônica Giglio Armando; revisão científica

Cláudia Bruscatin). São Paulo: Roca, 2009.

Bock. Ana Mercês Bahia, Furtado. Odair e Teixeira Maria de Lourdes T. Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.

Carter, B. ; Mcgoldrick, M. As mudanças no ciclo de vida familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Lebrão, M. L. O idoso no Brasil: aspectos da transição demográfica e epidemiológica.. 1 ed. Botucatu . Cultura Acadêmica Editora. 2006

Ministério Da Previdência E Assistência Social . "Aposentadoria por idade". Disponível em: . Acesso em: 02/04/2009.

Munhoz, M.L.P. Questões familiares em temas de psicopedagogia. São Paulo: Memonon 2003.

Papila, Diane E. Desenvolvimento humano. São Paulo: Mc Graw-Hill, 2009.

Siqueira, Luiz Eduardo de. Estatuto do idoso de A à Z. 2ª ed. São Paulo: Idéias & Letras, 2004.

Veloz, M.C.T., Shulze-Nascimento, C.M. & Camargo B.V, (1999). Representações sociais do envelhecimento. Psicologia Reflexão e Crítica. Porto Alegre, 12 (2) 479-501.

Veras, Renato. País jovem com cabelos brancos: A saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.